

## Artes Visuais/Crítica

Enock SACRAMENTO

# Um panorama parcial da Pintura Brasileira

Para começar, é preciso reconhecer que não é fácil organizar uma exposição que represente um *panorama da arte atual brasileira*. Os critérios de escolha dos artistas são sempre discutíveis, sejam eles quais forem.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo pratica o sistema de convites, por indicação de sua Comissão de Arte. É um critério aceitável, dependendo das pessoas que formam este conselho e das condições de trabalho postas à disposição de seus membros.

Não cremos que estas condições tenham sido as melhores em termos de tempo, facilidades para se locomover e comunicar-se com críticos e artistas de outros Estados. Por outro lado, apenas um dos oito membros do Conselho pertence à Associação

Brasileira de Críticos de Arte, o que não deixa de ser estranho para uma exposição que pretende apresentar um panorama da atual pintura brasileira. A tendência à simplificação é evidente e o resultado é uma mostra que reúne artistas de apenas oito Estados, sob a falsa alegação que só nestas unidades da Federação se produz boa arte. Mesmo considerando-se estes Estados como fontes de artistas, algumas ausências são absolutamente injustificáveis.

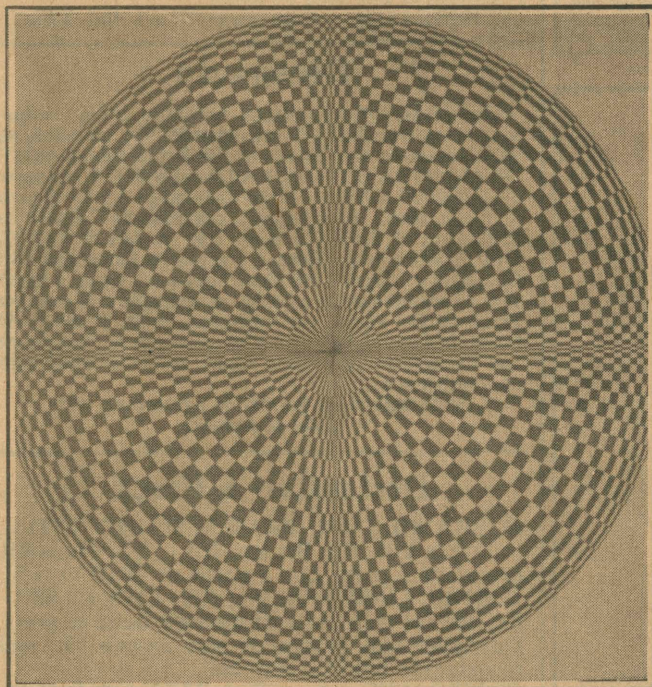
Pode-se defender dizendo que muitos desses artistas foram convidados, mas recusaram-se a participar por motivos diversos: convites feitos sem tempo hábil para prepararem obras verdadeiramente representativas de suas produções atuais, recusas em função de suspeitas

quanto aos critérios de escolha dos demais participantes.

Por outro lado, uma modalidade como a pintura, que tem centenas de bons profissionais no Brasil, não pode ser representada por inteiro de uma só vez no espaço disponível do MAM. Seria melhor se se montasse a representação por tendências. Isto evitaria a excessiva inclusão de determinados pintores na mostra que se repete ciclicamente, dinamizaria o Salão em termos culturais e afastaria a desagradável sensação do *dejà vu* tão frequente no visitante deste *Panorama*.

Apesar dos pesares, há trabalhos dignos de serem vistos nesta mostra comemorativa dos 30 anos da primeira instalação do MAM de São Paulo (o Museu permaneceu fechado durante dois anos: de 63 a 65). Entre eles estão os de Tomie Otake (primeiro prêmio), dentro de uma linha que vem praticando a artista nos últimos anos, sem acrescentar novas perspectivas estéticas; o trabalho técnico e criativo de Israel Pedrosa no campo da estruturação geométrica e das formulações cromáticas; fortíssima expressão dos *engates ferroviários* de Glauco Pinto de Moraes, realmente surpreendentes pelas sugestões fantásticas que sugerem; as figuras modernas de Gregório; a geometria dinâmica de Luis Sacilotto e a simplificada e tranquila de Lothar Charoux.

Na linha geométrica, há ainda os trabalhos de Arcângelo Ianelli, com seus tons sutis e linhas delicadas, as *retículas-cor-luz* de Fiaminghi e mais alguns de menor interesse. Há ainda uma porção de outras coisas que dão ao conjunto uma idéia parcial do que se produz em termos de pintura, atualmente, no Brasil.



O geometrismo dinâmico de Sacilotto no Panorama